



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA  
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Maclel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60. (600 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)  
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 737

## A liberdade dos povos

Todos querem defender a liberdade. Eu também a queria defender, também sinto o desejo de pegar em armas e correr a França, entrincheirar-me, dar fogo, matar, esquarterar, perseguir, incendiar. Mas não sei, com certeza, de que lado está a razão, de que banda estão os invasores; não sei, ao certo, se foi a Alemanha que declarou a guerra aos aliados, se os aliados a Alemanha. Ha quem diga que este império podia bem evitar a guerra, mas a Rússia preparava-se para—, daqui por 3 ou 4 anos, invadi-lo e vence-lo, senão pela valentia das armas, ao menos pela aluvião de gente. A Inglaterra, em igual período, contava com o dobro das suas pesadas esquadras; e a França, de combinação secreta e alentada pelas promessas russas e inglesas, caminhava com a mesma orientação. Como se pôde, pois, saber de que lado estão os inimigos da paz universal? Quais são os invasores de facto? Contra quem hei-de ir: contra a Alemanha ou contra a França? contra a Austria ou contra a Rússia? Sim, eu queria também defender a liberdade, escorear o invasor, estabelecer o equilíbrio na balança avariada da justiça, ajudar a impôr uma paz duradora e honrosa para todos. Eu pretendo o aniquilamento do militarismo, assim como dos estados, da autoridade, do sistema de sociedade actual. Mas como?

Alistando-me nas linhas francesas? nas alemãs? nas russas? Parece-me bem que eu, sendo um anarquista, tenho de preferencia outro lugar; parece-me bem que eu, sendo anarquista, tenho por obrigação compreender que os invasores e os inimigos da liberdade se encontram em todos os estados, em todos os governos, em todos os interessados no alto comércio e industria e na diplomacia bancária; parece-me bem que eu, sendo anarquista, devo compreender que a Alemanha se viu forçada a declarar agora a guerra, primeiro, porque talvez não pudesse resistir daqui por 3 ou 4 anos aos embates russos, á desforra dos franceses, ás ciladas dos ingleses, todos de antemão preparados para o assalto; segundo, porque, precipitando os acontecimentos, conta ainda alcançar, senão uma victoria completa, pelo menos parcial.

Eu quero defender a liberdade, mas para a defender não preciso de me pronunciar a favor dos aliados. Afirmando categorica e francamente. E não sendo pelos aliados, não sou também pelos seus inimigos. São contra todos. Não ha muito, condenei o director de um jornal socialista, por se declarar favoravel ao militarismo, atendendo ás circunstancias actuais, isto é, ás exigencias de uma defesa cuidadosa, em consequencia dos outros países se armarem. Porque na presente occasião se dêem invasões e contra-invasões, devem os anarquistas justificar os exércitos, aumentando as suas fileiras? A Alemanha sempre ha-de ter uma dúzia de anarquistas, pelo menos. A Alemanha viu-se forçada a declarar a guerra para defender o seu comércio, para conquistar para elle novos portos, em consequencia de outros países guerrearem a sua competencia, dificultarem a entrada dos seus productos nas suas possessões, invejarem o seu poderio colonial e a sua expansão industrial, alem da preparação

afanosa para todos lhe malharem. Bem; os anarquistas alemães, nesse caso, devem pegar em armas em defesa da sua patria ameaçada, contrariada, invejada, pondo de parte os seus princípios, o seu anti-militarismo, o seu internacionalismo, para colaborar com o governo, com os estados, com os militares profissionais? para servirem de joguete ridiculo dos operadores da bolsa, dos banqueiros, dos ministros, dos diplomatas, dos industriais, dos comerciantes, dos reis, dos presidentes, de todos, enfim, que occasionam a ruina dos povos? E não-de os anarquistas baterem uns nòs outros, uns porque vão defender uma pretendida liberdade, outros porque foram invadidos, com desculpas banais e sem razão de ser? Imaginem eu abrir o flanco a um camarada meu, fazer saltar-lhe o sangue em borbotões, passar por cima do seu cadaver ensanguentado, como se passasse por cima da minha propria idea, e logo outro em seguida, numa *répente* de odio, vasar-me um pulmão com uma baionetada ou pôr-me ao ar frio a massa encefálica com a coronha da sua espingarda! Ir sacrificar a vida e, o que é mais grave, toda a actividade revolucionária, todos os esforços empregados numa luta santa, a despeito de todas as contrariedades, de todas as perseguições infamissimas, para defender os interesses das casas Canet, negocios occultos e recondos dos agentes financeiros! Ir colaborar com os que me roubam, com os perturbadores do meu lar, com os causadores da minha arrelia moral e fisica, com os ladrões da minha felicidade, com os que, aproveitando-se de todas as oportunidades, açambarcam os géneros e as coisas, triplicando o seu preço, e com aqueles que, quando desço á praça pública, conjuntamente com uma multidão sedenta de justiça, a reclamar contra a opressão, me tratam de correr a trol!

Não, não penso assim. A Alemanha pôde ser derrotada, o seu imperador pôde cair do seu pedestal doirado e fugir para a America a juntar-se á fortuna que lá tem depositada; pôde o militarismo alemão ser esfacelado e o seu império ser dividido pelos países inimigos; mas o que não termina é o militarismo na Europa. Os beligerantes vitoriosos cuidarão depois, provavelmente, de aumentar os seus efectivos, não só para guardar as suas conquistas, senão também para impôr certo respeito aos seus inimigos de ontem. Deixará, talvez, de existir o odio ao alemão, para em seguida aparecer o odio ao frances, ingles ou russo.

Não, não penso assim, não compreendo assim! Toda essa guerra que para ai se desenvolve, entre o crepitar do incêndio e a fusilaria constante, não é para a libertação dos povos, como cenicamente dizem os governos dos aliados.

Eu não creio na purificação dos seus sentimentos, de um instante para o outro; eles que têm tributado avassaladoramente o povo produtor, desdenhando da sua miséria, escarnecendo os seus andrajos, cabriolando em cima do tablado dos seus sofrimentos, tudo para o amontoamento funéreo do material de guerra; eles que têm sido a nossa ruína, os quadrilheiros do nosso bem estar, da nossa honra, para, afinal, con-

quistarem a Alemanha. Se a Alemanha quer conquistar o mundo, o mundo quer conquistar a Alemanha. E é para isto que nós devemos entrar em scena? Não. A libertação dos povos tem de ser feita pelas suas proprias mãos. E os anarquistas, a quem lhes está reservado o papel primacial para essa libertação, encaminhando as coisas para a perfectibilidade social e economica, não têm que ir para a guerra comercial, não precisam auxiliar os exércitos da triple entente.

Já que apesar da nossa propaganda intensa contra a guerra e contra o militarismo, ainda desta vez se não pôde evitar, pela acção revolucionaria, enérgica, conjunta, combinada, as lutas fraticidas impulsionadas pelos segredos dos gabinetes diplomáticos e pelo egoismo dos senhores economicistas, comerciantes e industriais, desde os que tresandam a bacalhau pôdre aos bugigangueiros estúpidos e maus, cuidemos então de, com os ensinamentos eloquentes e irrefragaveis da conflagração actual, tirar os maiores frutos possiveis, as mais claras ilações, as mais flagrantes contradicções, e marchemos, marchemos para o nosso campo, na nossa nobre missão, espargir punhados de verdades e chamar o povo á realidade dos factos, esse povo que está coberto de luto, de dôr, de saudades e ainda enodoado com a lama tinta de sangue de tantas vitimas, que uma corte de traficantes lhes arremessou ao rosto!

E nossa será a vitoria!  
E a libertação dos povos será um facto!

Clemente Vieira dos Santos.

## Comício publico

O Nucleo Juventude libertaria de Lisboa convida-se o povo operario do bairro do Campo Ourique e arredores a reunir hoje, pelas 16 horas, em comício publico, no Alto dos Sete Moinhos, afim de protestar contra a descarada burla dos açambarcadores dos generos alimenticios e tomar conhecimentos dos trabalhos que o mesmo Nucleo, nesse sentido, vem realisando. Proletarios, reparei na miserima situação a que estais reduzidos: não basta a apavorante crise de trabalho que vos vem assoberbandando, ainda tendes do sofrer a desapiedada e provocante ganancia de exploradores sem exércipulos. O povo não pode suportar mais o actual estado de coisas; deve agir e fazer respeitar os seus direitos.

Que nenhum trabalhador falte, para que sejam atendidos as nossas justas reclamações; Povo de Lisboa; AO COMICIO

### A Florescente

Reuniu a C. A. e deliberou abrir a aula noturna, amanhã, funcionando das 20 e meia ás 22, e distribuir umas circulares ás associações de Lisboa para nomearem dois delegados a uma reunião que se effectuará no dia 11 do próximo mês de março, pelas 20 e meia horas, afim de se acordar na melhor forma de prestarem auxilio a esta escola fundada para operários.

## A DEFESA DAS NOSSAS COLONIAS

Mas, finalmente, para que foram mandadas tropas portuguezas para Africa? Seria para defender as nossas (?) colonias contra qualquer ataque por parte dos alemães?

Foi esse realmente o motivo apregoado aos quatro ventos pela grande imprensa e apresentado então em todas as notas officiosas. E compreende-se: o governo, aqui como em toda a parte, necessita para as suas empresas, senão do apoio da opinião pública, pelo menos da sua indiferença ou de uma moderada hostilidade. Ora uma guerra, ainda que seja colonial—ou de via *reduzida*—é sempre um sacrificio para aqueles que a pagam com o seu dinheiro, com a sua saúde, com o seu sangue, em suma, com a propria vida. Se fossem diser a estes que fomos fazer uma guerra *ofensiva* á Alemanha, que fomos ajudar a conquistar as suas colonias, bem podiam depois falar-lhes enfaticamente nos feitos gloriosos dos nossos antepassados, na necessidade de acrescentar os *nostros* vastos domínios coloniais, e outras árias semelhantes; o povo não se comoveria. Essa ideia de conquista, posta assim com toda a clareza, parecer-lhe-ia um roubo, e isso iria ferir os seus sentimentos de justiça. Talvez não estivesse disposto aos sacrificios enormes que lhe iam exigir, por essas cavalarias altas e bem punhadas de conquistas; coisa que, de resto, lhe apparecia injusta ao seu espirito simplista e sobretudo de resultados incertos... E quem sabe se, postas as coisas neste pé, o descontentamento não lavraria, a ponto de permitir que *agitadores de profissão* conseguissem revoltar o povo, impedindo assim tam patriótica obra?

Os nossos governantes, que não são tam parvos como parecem, compreenderam que, sob pena de se lhe escangalhar o arranjinho, era necessario tocar outra nota. E, á imitação do que se faz lá fóra, serviram-nos «guerra defensiva».

A coisa assim é muito mais fácil de *grammar*. O povo está profundamente convencido de que as colonias são suas. Acha injusto e todo se indigna só com a ideia de que outros lhas querem roubar. Para obter dèle o sacrificio da última camisa, da propria vida, basta pois convencê-lo de que o estrangeiro ameaça despojar-nos daquilo que é *nosso* (?), do que nos legaram os nossos antepassados. Ora o povo não se informa directamente dos acontecimentos—sobretudo quando estes se passam a uma distancia tam respeitavel como a que nos separa de Angola. Para desempenhar esse importantissimo papel de informador do publico está a grande imprensa, *essa poderosa alavanca do progresso*, que está inteiramente nas mãos dos políticos profissionais, dos homens de negócios e dos governantes e que portanto só diz aquilo que a estes convem.

O governo lançou a nota da *defesa das nossas colonias*; a grande imprensa entooou em côro a estafada ária da ameaça do estrangeiro; e o povo, o eterno ingénuo, acreditou piamente que lhe queriam roubar uma parte do seu patrimonio e deixou-se conduzir docilmente ao matadouro...

Para quem conhece, ainda que de leve, o mapa politico de Africa é-lhe facil constatar:

1.º Que as colonias que a Alemanha possui ali estão literalmente encravadas entre colonias

inglesas, francesas, belgas e portuguezas;

2.º Que reunidos os domínios coloniais destas quatro nacionalidades a sua superioridade sobre os domínios alemães é manifesta e incontestavel sob todos os pontos de vista—inclusivé sob o ponto de vista militar.

Um outro facto bastante importante é conveniente frizar:—Quando da partida da primeira expedição portugueza para Angola, era já impossivel á Alemanha enviar qualquer reforço de tropas para as suas colonias, enquanto que essa impossibilidade não existia para qualquer das outras nacionalidades e sobretudo para Portugal e Inglaterra.

Resta ainda o argumento de que a Alemanha contava para o bom exito da sua empresa em sublevar os indigenas das colonias inimigas. Mas o mesmo podiam fazer as nações aliadas nas colonias germánicas, sobretudo na Africa Oriental Alemã que é um foco perpétuo de agitação.

Por tudo isto não era pois crível que a Alemanha pensasse em atacar na Africa quem quer que fosse. Seria o caso de ir buscar lá com o conhecimento prévio de que sairia fatalmente tosquida...

Todavia tudo isto são hipóteses que, mais ou menos verosímeis, não nos permitem porem affirmar de uma maneira categorica que as expedições portuguezas foram á Africa, não para defender as nossas colonias, mas sim para atacar e conquistar, de sociedade com as nações aliadas, as colonias alemãs.

Mas ha ainda argumentos mais claros e conclusivos.

O sr. Brito Camacho, ex e futuro ministro, chefe de um dos tres grandes partidos da República e por consequencia creatura insuspeita em assuntos desta natureza, dizia ha dias em artigo de fundo do seu jornal a *Lucta*:

«Se não estamos em erro, no ministerio das colonias deverã haver um espécie de relatório em que o comandante Rogadas formulava as possiveis hipóteses sobre o destino da coluna de seu comando, e indicava para cada uma delas, a composição que a coluna deveria ter. Destinava-se a coluna a submeter os indigenas que ainda se conservem rebeldes á nossa soberania? Destinava-se a fiscalisar a fronteira do sul da provincia, pronta a prepelir uma incursão dos alemães? Destinava-se a invadir a colonia alemã, vizinha d'Angola, ao sul, e assim cooperar efectivamente e de maneira valiosa com os nossos aliados?»

Mas não foi só o comandante Rogadas que previu oficialmente a hipótese de ter que invadir territórios alemães. O proprio sr. Camacho, num outro fundo da sua *Lucta*, proporciona-nos este bocadinho de ouro:

«A hipótese de termos de combater os alemães na Europa por solicitações da Inglaterra, não a figuramos a serio, e já o leitor sabe porquê (1) Mas figuramos a hipótese de termos de combater-los em Africa, e não apenas para repelirmos uma aggressão que nos fizessam, mas para invadirmos os seus territórios, para conquistarmos os seus domínios, numa acção combinada com a Inglaterra, as forças dos dois países batalhando juntas no continente negro.

No vasto domínio colonial da Alemanha, o que avulta é o que ella possui na Africa, sobretudo depois que o golpe de Agadir obrigou a França e entregat-lhe uns poucos de milhares de quilometros quadrados que amputou ao seu Congo. Perder as suas colonias d'Angola seria para a Alemanha perder os seus titulos de nação colonial, embora conservasse tudo o mais que tinha por ali além, estações carvoeiras e precárias bases de operações, se exceptuarmos Tsing-Tao, hoje na posse do Japão.

Não se admire agora o leitor se lhe dissermos que aplaudimos o envio de tropas para a Africa, etc.»

E' pois um dos mais autorisados chefes politicos da República que nos declara, expontanea e publicamente, ser muito aceitavel a hipótese de termos que invadir os